

EDIFÍCIO E CIDADE: UMA LEITURA SOB A ÓTICA DA GESTALT

BUILDING AND CITY: A READING FROM THE VIEW OF GESTALT

Fernando Kennedy Braga Oliveira

Universidade Federal de Uberlândia

Luís Eduardo dos Santos Borda

Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Este trabalho é parte de uma investigação mais ampla sobre a arquitetura de Oscar Niemeyer e sua abordagem enquanto signo. Ele foi desenvolvido como dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design (PPGAU - FAUeD) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Sua motivação partiu do desejo de exploração e síntese de algumas das teorias que se desdobram sobre a percepção visual e a organização da forma arquitetônica. Nesse sentido, o presente artigo se desdobra sobre a teoria da *Gestalt* - especificamente da *Gestalt do Objeto* de Gomes Filho (2009) - para entender as estratégias de organização do objeto arquitetônico em relação ao espaço urbano. Para tanto, a proposta consiste em uma leitura da Catedral de Brasília, projetada por Oscar Niemeyer. Acredita-se que esse exercício possa contribuir no entendimento de uma possível relação simbólica entre tal edifício e o espaço urbano.

Palavras-chave: Arquitetura. Signo. Gestalt. Catedral de Brasília. Oscar Niemeyer.

Abstract: This work is part of a wider research on Oscar Niemeyer's architecture and its approach as a sign. It was developed as a Master's thesis in the Postgraduate Program of the Faculty of Architecture and Urbanism and Design (PPGAU - FAUeD) of the Federal University of Uberlândia (UFU). Its motivation starts from the desire to explore and synthesize some of the theories that unfold about the visual perception and the organization of the architectural form. In this way, the present article intends to unfold on the theory of the Gestalt - specifically the Gestalt of the Object of Gomes Filho (2009) - to understand the strategies of organization of the architectural object in relation to the urban space. Therefore, the proposal consists of a reading of the Cathedral of Brasilia, designed by Oscar Niemeyer. It is believed that such an exercise may contribute to the understanding of a possible symbolic relationship between this building and the urban space.

Keywords: Architecture. Sign. Gestalt. Brasília's Cathedral. Oscar Niemeyer.

1. Introdução

Existe uma vasta bibliografia que trata sobre o fenômeno da percepção humana. Suas abordagens compreendem estudos fenomenológicos, teorias semióticas e discussões

filosóficas sobre o espaço, a matéria, a forma e o espírito. Este estudo, nesse sentido, se apóia em alguns destes trabalhos para construir um raciocínio sobre o objeto arquitetônico enquanto signo.

Alguns dos aspectos de percepção e significação da arquitetura são abordados nos trabalhos de Bruno Zevi (2009), Coelho Netto (1979) e Décio Pignatari (2004). Suas contribuições possibilitam o desenvolvimento do debate sobre o processo de construção do sentido do espaço construído - além disso, também demonstram a sua pluralidade de possibilidades interpretativas.

Esses diversos olhares que são lançados sobre o objeto arquitetônico e que permitem a análise da produção de seu espaço, são produtos de uma intenção - que, por vezes, independe da consciência do observador. A *intencionalidade da consciência* ditada por Husserl¹, nesse sentido, pode ser o primeiro recorte de percepção que permite a compreensão do espaço².

Por outro lado, a produção do espaço também pode criar discursos através de estratégias de forma, organização e relacionamento do objeto construído com o contexto urbano. Existem alguns estudos que tratam dessas estratégias de organização formal e espacial da arquitetura³. Dentre eles, este trabalho recorrerá às contribuições das teorias *Semiótica* e da *Gestalt do Objeto*, de Charles Sanders Peirce (1977) e João Gomes Filho (2009), respectivamente, para discutir a relação entre alguns edifícios religiosos católicos e a cidade.

Parte-se da hipótese de que a construção *simbólica*⁴ dos edifícios sacros no espaço urbano possa ser justificada através de sua leitura pelos princípios da *Gestalt*. Entende-se que tais estratégias de manipulação da percepção possam contribuir à legitimação de discursos de poder (religioso, político, econômico, etc.) na cidade.

Assim, para além da abordagem teórica, pretende-se fazer uma interpretação formal da Catedral de Brasília (1958), projetada por Oscar Niemeyer, a partir da *Gestalt do Objeto*, proposta por Gomes Filho (2009). Tal exercício se propõe a, além de identificar os possíveis princípios da *Gestalt* presentes na relação do edifício com o espaço urbano, discutir como essas estratégias funcionam dentro da construção simbólica da igreja na cidade.

Por fim, outra discussão possível diz respeito ao debate sobre a representatividade da Catedral de Brasília para a contemporaneidade - às suas qualidades perceptuais.

1 MOURA, Carlos A. R. de. Husserl: intencionalidade e fenomenologia. Revista *Mente Cérebro*, p. 7-15, [20--?]

2 O espaço, enquanto conceito absoluto, é de difícil compreensão integral. Sua percepção ocorre através da construção perceptiva de uma *espacialidade* pelo observador. Essa *espacialidade*, por sua vez, é constituída por um conjunto de dois aspectos principais: aqueles de *visualidade* (organização espacial) e de *comunicabilidade* (relacionada à cultura). (FERRARA, 2007).

3 Teixeira Coelho Netto, por exemplo, propõe uma discussão da arquitetura através de conceitos dicotômicos relacionados à forma e ao espaço; Geoffrey Baker propõe o que chama de *Análise da Forma* (BAKER, 2005) e Francis Ching discute a relação entre forma e espaço (CHING, 2013).

4 O sentido do termo adotado faz referência à sua colocação enquanto lei, ou convenção, nos estudos de Peirce (1977). Aqui, para além do aspecto *arbitrário* característico do *símbolo*, pretende-se explorar sua construção enquanto produto de comunicação de discursos dos agentes produtores do espaço urbano para a sociedade.

2. Percepção e leitura da forma

A *Psicologia da Gestalt* é uma teoria sobre a percepção que, no século XIX, parte dos estudos do filósofo austríaco Christian Von Ehrenfels. É no século XX, entretanto, que pelos trabalhos de Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka o seu desenvolvimento acontece de maneira mais profunda⁵.

Pela teoria da *Gestalt*, o processo de percepção envolve a atuação de forças internas e externas ao homem. Enquanto as forças externas agem sobre as condições de apresentação física do objeto (luz e sombra, principalmente), as forças internas se relacionam com as estruturas fisiológicas ligadas à percepção - elas ordenam a imagem apreendida pela retina do observador⁶.

É sobre a hipótese da existência de forças internas de estruturação da imagem que a *Gestalt*, experimentalmente, funda suas leis⁷. As *Leis da Gestalt* pretendem sintetizar os processos de ordenação humana da forma. Elas podem agir e reforçar-se mutuamente. Sua análise correlacionada, então, permite que se façam juízos sobre a *pregnância da forma*, ou seja, sobre a qualidade estético-perceptiva do objeto que se apresenta à mente⁸.

Útil enquanto abstração para o entendimento do processo autônomo de percepção humana, a teoria da *Gestalt* também serve enquanto aporte de conceitos e procedimentos para uma leitura intencionalmente analítica sobre o objeto. Tais leituras, teorizadas sobre o processo de percepção, no entanto, não são exclusivas da *Gestalt*.

Outras teorias que se ocupam de explicar a percepção humana são: a fenomenologia e a semiótica. Como a *Gestalt*, elas também permitem que sejam realizadas leituras do objeto a partir de seus raciocínios e conceitos específicos.

Pela fenomenologia, por exemplo, os conceitos *intencionalidade de ato* e *intencionalidade de horizonte*⁹ - presentes no trabalho de Husserl - podem ser utilizados para que se expliquem as condicionantes que fornecem as informações, ou estruturas, para uma interpretação do objeto. Esses conceitos, dadas as suas devidas proporções, correlacionam-se àquelas forças externas e internas da *Gestalt*. Isso porque ambas as teorias se desenvolvem a partir de abstrações sobre o mesmo processo, o da percepção. Assim, a convergência de certos pontos de discussão dentro de seus raciocínios específicos pode ser possível.

Pela teoria semiótica, de Charles Sanders Peirce (1839 - 1914), as leituras sobre o objeto podem ser realizadas a partir de sua relação com o que ele representa. Nesse

5 Gomes Filho (2009).

6 Ibid.

7 De acordo com Gomes Filho (2009), as *Leis da Gestalt* são: unidade, unificação, segregação, proximidade, semelhança, fechamento, boa continuidade e pregnância da forma. A elas, aliam-se - no processo de percepção - outras categorias conceituais que complementam a leitura do objeto.

8 Ibid.

9 Segundo Moura [20--?, p.14], as intencionalidades da consciência preexistem à percepção do objeto. Para o autor, que se fundamenta no trabalho de Edmund Husserl, à uma *intencionalidade de ato* - uma “ativa doação de sentido” por parte do sujeito - alia-se uma *intencionalidade de horizonte*, que é passiva e possui operação autônoma.

sentido, as discussões podem ser desenvolvidas a partir de sua posição sógnica enquanto ícone, índice ou símbolo¹⁰.

As leituras que se pretende realizar neste estudo são interpretações sobre o objeto, ou signo, arquitetônico. A arquitetura é plurissógnica e faz parte de um conjunto de linguagens não-verbais: a escultura, a pintura, a “poesia”, etc. O signo não-verbal é pouco definido, e sua leitura deve partir de um esforço de análise e estranhamento ambiental¹¹.

Existem certas diferenças entre o que se percebe e as leituras que são feitas sobre esse objeto percebido. Isso porque a percepção ocorre no espaço e no tempo. Nesse processo, há um descompasso dos sentidos que faz com que a tradução verbal do signo não-verbal seja incompleta. Essa interpretação verbal do não-verbal, por conseguinte, é metalinguagem¹².

Embora reconheça a falibilidade da leitura do signo não-verbal, Ferrara (2007) considera que seu exercício é necessário. Seu argumento tem fundamento em uma necessidade de desenvolvimento das associações por similaridade. Esse raciocínio é pouco usual nas sociedades ocidentais, visto que o seu modo de leitura é predominantemente contíguo - característico da leitura de linguagens verbais. Ferrara (2007) compreende que através da leitura não-verbal existe certa ruptura da ideologia que subsiste na linguagem verbal e em sua compreensão.

Assim, para além dos procedimentos de decifração - que lêem o verbal -, a decodificação dos signos não-verbais pode permitir a observação e o desenvolvimento de novas formas de produção do espaço. O estudo, o ensino e a produção da arquitetura possuem, a partir disso, a possibilidade de se desenvolverem e compensarem o descompasso entre a percepção e a realidade da sociedade caracterizada pela multiplicação sógnica infundável (SANTAELLA, 2005).

3. A investigação de um método

Não existe um método da leitura não-verbal. Existem procedimentos metodológicos de leitura da forma e do espaço que são organizados de acordo com o modo pelo qual o objeto se apresenta e como ele é percebido¹³.

Ferrara (2007) destaca que tendo em vista a falibilidade da leitura do signo não-verbal, talvez a compreensão de sua dinâmica seja um dos processos mais importantes em sua interpretação. Este entendimento, constantemente alimentado por novos modos de ver, tende a complementar as leituras do signo.

A dinâmica do objeto arquitetônico relaciona-se, para além dos seus observadores, com o espaço urbano. As relações entre o edifício, a cidade e seus usuários podem dotar espaços de novos significados¹⁴.

10 Para Peirce, a relação entre o signo e o objeto pode assumir um caráter icônico, indicial ou simbólico - de qualidade, de existência ou de lei, respectivamente (SANTAELLA, 2005).

11 Ferrara (2007).

12 Ibid.

13 Ferrara (2007).

14 Coelho Netto (1979).

Para Rivas (1992), o caráter de identidade local, a construção contextual do sentido e o papel da tradição na consolidação das percepções espaciais tendem a transformar o espaço em lugar. Essa transformação, por sua vez, dinamiza a relação entre o edifício e a cidade.

Estratégias formais de composição do objeto arquitetônico também podem dinamizar a sua relação com o espaço urbano. Tais medidas podem funcionar enquanto escolhas que intencionam tornar mais clara e evidente a leitura do objeto: questões como a monumentalidade, a cor, a proporcionalidade e a simetria das construções clássicas, por exemplo, podem ser indícios de um discurso de poder político; as intervenções dos papas na cidade de Roma - nos séculos XV e XVI - no sentido de tornar as igrejas proeminentes no espaço urbano com a abertura de grandes vias e a exploração da perspectiva, por outro lado, podem indicar o poder religioso (LOEWEN e AZEVEDO, 2006); a verticalidade, o caráter cênico e dramático da manipulação da luz, das pinturas, dos ornamentos, e das cores nas igrejas barrocas, por sua vez, são indícios de discursos religiosos com intenções persuasivas em relação ao fiéis (ARGAN, 2004).

Para além destas observações, pode-se ainda optar por entender a dinâmica do signo não-verbal a partir de seu processo histórico de construção e apropriação, ou mesmo de sua dinâmica em relação às edificações com usos semelhantes.

O que se observa é que o caráter plurissêmico do objeto não-verbal pressupõe a existência de vários signos que podem ser identificados como unidades particulares de leitura para o observador. É preciso, então, que se estabeleça uma *dominante* interpretativa que conduzirá os olhares e as leituras no sentido daquilo que se pretende esclarecer (FERRARA, 2007).

4. As construções sacras e a cidade

O signo arquitetônico é produzido, construído e apropriado. Sua produção e construção implicam uma intenção - representam a existência de uma ideia. O discurso do espaço ordenado é percebido a partir dos códigos que o emissor utilizou para transmitir a mensagem arquitetônica. Como esses códigos não são verbais, sua interpretação não acontece dentro de associações logicamente lineares (contíguas). Quanto mais claro é esse discurso, então, maiores são as possibilidades de que a comunicação se estabeleça com o receptor.

As construções ligadas à crença no divino, ou espiritual, são objetos que, historicamente, são elementos proeminentes no espaço urbano. Eles se destacam, intencionalmente, por sua escala, localização, altura ou afastamento em relação às edificações adjacentes. Essas estratégias tendem a valorizar o seu poder simbólico na cidade.

As pirâmides egípcias destacam-se na paisagem por sua verticalidade, altura e relação espacial com as outras construções. O Parthenon foi construído na parte mais alta da cidade de Atenas. A Catedral *Santa Maria Del Fiore*, em Florença, possui importância simbólica proporcional à sua percepção no espaço urbano. Ela é proeminente em relação às construções adjacentes e visível de quase todos os pontos da cidade. A Basílica de São Pedro teve o seu entorno estruturado com uma grande praça envolta por colunatas e um eixo frontal que a destaca na malha urbana (ARGAN, 1998). Estratégias de organização

formal e do espaço urbano compõem, deste modo, as medidas de manipulação do discurso do poder religioso - e por vezes político - na cidade.

Essas observações, embora intuitivas ou de fácil apreensão, são indícios de que as leis da *Gestalt* agem enquanto elementos estruturantes da percepção das construções sacras no espaço urbano. O *estranhamento* ocorre pela diferenciação do discurso de produção espacial das construções sacras - aqui, em sua maioria católicas - em relação com seu entorno.

A clareza dessas estratégias é justamente o que permite que a percepção do objeto em relação à cidade seja quase que imediata. A boa forma, a sua alta *pregnância*, faz com que a memória construa uma imagem simbólica da igreja no espaço urbano. A igreja torna-se um marco (LINCH, 1977).

5. Procedimentos metodológicos

Enquanto instrumental metodológico, este estudo elege a *Gestalt do Objeto*, de Gomes Filho (2009). Seus procedimentos, fundamentados na teoria da *Gestalt*, são aplicáveis a objetos visuais tridimensionais - como é o caso da arquitetura.

A leitura consiste na avaliação da *pregnância da forma* do objeto. Esse juízo parte da relação entre a qualidade dos princípios fundamentais da *Gestalt*, são eles: unidade, segregação, unificação, proximidade, semelhança, fechamento e boa continuidade. Tais princípios, permitem estabelecer níveis de harmonia, contraste e equilíbrio do objeto analisado - componentes da boa forma, da alta *pregnância* (GOMES FILHO, 2009).

A *dominante* que conduzirá as leituras diz respeito à investigação da relação formal entre a Catedral de Brasília e o espaço urbano. A avaliação sobre a *pregnância da forma* da igreja permitirá entender como as estruturações perceptivas pelas Leis da *Gestalt* auxiliam na construção simbólica do edifício em relação ao meio urbano.

Quanto aos materiais, Ferrara (2007) afirma que, no procedimento de leitura da linguagem não-verbal, podem-se utilizar meios *des-verbais*¹⁵ de análise: fotografias, documentos, áudios, croquis, etc. Isso porque todos eles representam percepções sobre o objeto e podem auxiliar na compreensão de sua dinâmica. Dessa forma, as leituras serão realizadas sobre duas imagens da igreja. A tonalidade das fotografias, em preto e branco, é proposital na medida em que destacam a relação volumétrica produzida pelos contrastes de cores em relação ao espaço do entorno da igreja e entre os seus diferentes componentes formais.

6. A Catedral de Brasília: uma leitura

A Catedral Metropolitana de Brasília (1958) foi projetada pelo arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer (1907 - 2012). O período de vida do arquiteto o posicionou em diferentes contextos da política, cultura e arquitetura brasileira. Sua obra, influenciada pelo movimento moderno, é caracterizada por uma série de formas e traços livres¹⁶.

15 Isso em razão do caráter metalinguístico da leitura não-verbal (FERRARA, 2007).

16 Underwood, 2002.

Existem algumas leituras de seus trabalhos. Sinteticamente, eles tendem a relacionar as formas das obras de Niemeyer com elementos da natureza, da paisagem brasileira e das mulheres nativas¹⁷.

Propriamente sobre a Catedral de Brasília, Pignatari (2004) procede a uma leitura relacionando suas soluções espaciais com elementos de outras igrejas: a cripta paleocristã e a cúpula renascentista. Partindo dessa abordagem icônica, o autor afirma que “Oscar Niemeyer poderá vir a ser considerado, um dia, precursor da chamada ‘arquitetura simbólica’...”¹⁸.

Sob a ótica da *Gestalt do Objeto* a igreja é composta por 3 unidades volumétricas principais: as colunas curvas brancas, o vidro que veda os espaços entre as colunas e a cruz posicionada acima deste segundo volume.

Sua unificação formal é conseguida através da boa continuidade e ordenamento das colunas brancas. A proximidade e semelhança destes elementos colaboram e reforçam o equilíbrio visual.

A segregação do volume da igreja em relação ao espaço urbano ocorre por duas maneiras: pelo afastamento do edifício em relação àqueles que lhe são próximos e pela diferença formal, vertical e horizontal que os caracteriza. Isso faz com que a catedral se destaque no espaço urbano.

O movimento sugerido pelas colunas brancas é sutil e parte de uma revolução maior para uma menor, em direção ao céu. Tal estratégia confere sensação de estabilidade à catedral, ao tempo em que sugere sutileza ao conjunto.

Imagem 1: Catedral de Brasília - acesso.

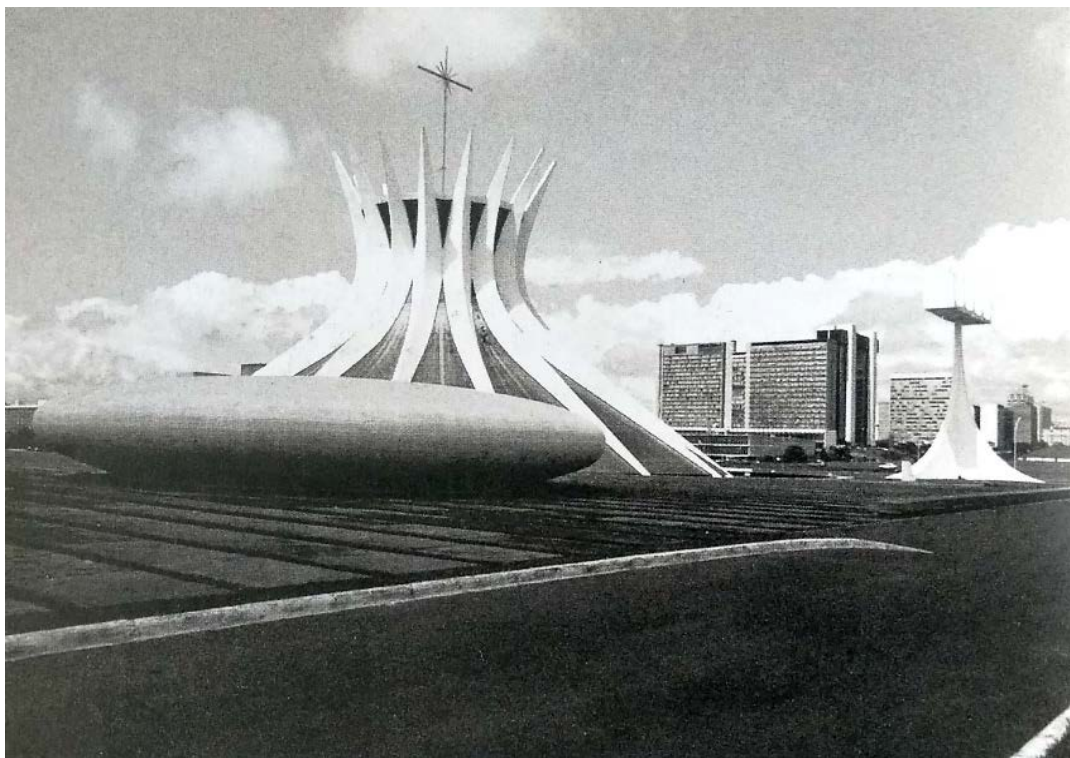


Fonte: Underwood, 2002, p.101.

17 Ibid.

18 Pignatari (2004, p.163).

Imagem 2: Catedral de Brasília - conjunto do batistério, da igreja e da torre sineira.



Fonte: Underwood, 2002, p.100.

A cruz que fica acima dos dois volumes maiores está equilibradamente colocada no eixo de rebatimento formal da igreja.

O afunilamento das colunas em direção ao chão e ao céu alivia o peso visual da construção. Associada a isto, a utilização do vidro enquanto vedação dos espaços entre as colunas faz com que a obra “flutue” no espaço urbano.

A *pregnância da forma* da igreja é alta, uma vez que ela se destaca (pela lei da segregação) claramente do espaço urbano e possui um conjunto de unidades volumétricas simétricas, harmoniosas e equilibradas.

7. Considerações finais

As teorias sobre a percepção, embora diversas, contribuem ao exercício e desenvolvimento de novas leituras sobre a forma e suas relações. O estudo da arquitetura enquanto signo pode significar, nesse sentido, a descoberta de novos significados e possibilidades de interpretação e de produção do espaço.

Embora não exista um método de leitura do signo não-verbal, o entendimento de suas relações e dos procedimentos de leitura que ele mesmo pode alimentar, constituem informações que o caracterizam. Assim, ler o signo é estudar suas propriedades e caracterizá-lo. Isso à medida que se desvendam as suas possibilidades associativas.

Os princípios estruturadores da percepção, denominados *Leis da Gestalt*, auxiliam na construção simbólica do edifício em relação à cidade. Isso porque a *pregnância da forma*

está diretamente associada à linguagem clara, simplificada, e equilibrada do objeto. Quando essa linguagem é incorporada dentro de um espaço amplo ou homogêneo e profuso, os objetos que a contêm tendem a destacar-se. A imagem da cidade que é estruturada pela percepção, então, faz desses objetos representações simbólicas do espaço urbano.

A Catedral de Brasília, com seu equilíbrio, clareza, e harmonia visual pode ser símbolo da cidade, ou do movimento moderno ao qual faz referência. Não se pretende com isso dizer que Niemeyer utilizou intencionalmente as *Leis da Gestalt* no projeto da igreja. Pelo contrário, tendo em vista que os princípios da *Gestalt* foram empiricamente consolidados, pode ser que as estratégias da *Gestalt* ali identificadas são recursos da experiência - mesmo que inconsciente.

Por fim, uma questão que se abre a partir deste estudo diz respeito à legitimidade das *Leis da Gestalt* enquanto princípios que regulam a “boa forma”. No campo da crítica e teoria da arquitetura, Coelho Netto (1979) afirma que o gosto contemporâneo tem raízes renascentistas. Ou seja, princípios como harmonia e equilíbrio, que condicionam a percepção alta *pregnância*, são influências, e não propriamente particularidades fisiológicas de estruturação autônoma do que se apresenta à mente.

8. Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. **El concepto del espacio desde el barroco a nuestros días**. Buenos Aires: Ed. Nova Vision, 1973.
- _____. **História da arte como história da cidade**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. **Imagem e persuasão: Ensaio sobre o Barroco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BAKER, Geoffrey H. **Análisis de la forma: urbanismo y arquitectura**. 5ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CHING, Francis D. K. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- ECO, Umberto. **A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio (org.). **Espaços comunicantes**. São Paulo: Annablume, Grupo ESPACC, 2007.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Leitura sem palavras**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**. 9ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2009.
- LINCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LOEWEN, Andrea Buchidid; AZEVEDO, Ricardo Marques de. Roma e as capitais: o mito e o plano. **Oculum Ensaio: Revista de Arquitetura e Urbanismo**, Campinas, n.5, 2006, p. 22-33.

- MOURA, Carlos A. R. de. Husserl: intencionalidade e fenomenologia. **Revista *Mente Cérebro***, p. 7-15, [20--?].
- NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). 2ª ed. rev. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2013.
- NETTO, J. Teixeira Coelho. **A construção do sentido na arquitetura**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- PIGNATARI, Décio. **Semiótica da arte e da arquitetura**. 4. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- RIVAS SANZ, Juan Luis de las. **El espacio como lugar**: sobre la naturaleza de la forma urbana. Valladolid: Secretariado de publicaciones, Universidad, D. L. 1992.
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. 1ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- SENNETT, Richard. A imagem obsessiva: lugar e tempo na Roma de Adriano. In: _____. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 80-109.
- TORODOV, Tzvetan. **Teorias do símbolo**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- UNDERWOOD, David. **Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2002.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.